

# 02

## **Teatro, Educação e Processos Criativos: Reflexões sobre o Grupo de Teatro Universitário - GTU/UFPA.**

**Roseany Karimme Silva Fonseca**

Instituto Federal do Pará  
rose.karimme@gmail.com | [ORCID](#)

**Silvia Sueli Santos da Silva**

Instituto Federal do Pará  
silvia.silva@ifpa.edu.br | [LATTES](#)

Recebido em: 29/09/2023  
Aprovado em: 11/08/2025



DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431782122025027>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*.

## **Teatro, Educação e Processos Criativos: Reflexões sobre o Grupo de Teatro Universitário - GTU/UFGA.**

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o curso de Especialização em Linguagens e Artes na Formação Docente (IFPA) e tem como objetivo refletir sobre o Grupo de Teatro Universitário (GTU/UFGA) e seu percurso teatral na cidade de Belém/PA. Contextualiza-se a Escola de Teatro e Dança da UFGA, locus onde o grupo surge e para onde retorna; destaca-se o trajeto do GTU a partir do projeto de extensão Novos Encenadores, desenvolvido por Charone (2018) e compreende-se o papel deste grupo no Teatro e na Educação. Como referencial teórico, as ideias de encenação, teatro universitário, teatro-educação e processos criativos são abarcadas por Koudela (2008), Carreira (2012), Antonello (2017) e Canda (2020). A metodologia trata-se de estudo de caso de caráter qualitativo e natureza descritiva, tendo como fonte de análise relatos de experiência, consulta documental e entrevistas com a professora idealizadora do GTU, uma estudante da escola de teatro, um participante externo e uma encenadora. O eixo principal das entrevistas contemplou a importância do grupo para os participantes. Assim, constatou-se que o GTU/UFGA, em seu período de atuação, vinculou-se à educação e aos processos criativos; ao propor diversas formas de encenação, estimulou criações e realizou diversos espetáculos, evidenciando sua importância teatral em Belém/PA.

**PALAVRAS-CHAVES:** Teatro; Grupo de Teatro Universitário; Teatro-Educação; Encenação; Processos Criativos.

## **Theatre, Education and Creative Processes: Reflections about the University Theater Group - GTU/UFGA.**

This research was developed during the Specialization course in Languages and Arts in Teacher Training (IFPA) and aims to reflect the University Theater Group (GTU/UFGA) and its theatrical journey in city of Belém/PA. The UFGA School of Theater and Dance is contextualized, the place where the group emerges and returns to; The trajectory of the GTU stands out from the New Directors extension project, developed by Charone (2018) and the role of this group in Theater and Education is understood. As a theoretical reference, the ideas of staging, university theater, theater-education and creative processes are covered by Koudela (2008), Carreira (2012), Antonello (2017) and Canda (2020). The methodology is a case study of a qualitative and descriptive nature, using experience reports, document consultation and interviews with the teacher who created the GTU, a student from theater school, an external participant and a director as a source of analysis. The main axis of interviews covered the importance of the group for the participants. Thus, it was found that the GTU/UFGA, during its period of operation, was linked to education and creative processes; by proposing different forms of staging, it stimulated creations and performed several shows, highlighting its theatrical importance in Belém/PA.

**KEYWORDS:** Theater; University Theater Group; Theater-Education; Staging; Creative Processes.

## INTRODUÇÃO / CONTEXTUALIZAÇÃO

Em uma pesquisa sobre processos criativos e partindo de um recorte de abrangência artística local, no contexto de Belém/PA, a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará possui importância fundamental no que se refere à produção e prática de montagens teatrais e espetáculos de dança, constituindo-se um polo <sup>[A1]</sup> criativo, com diversos projetos de pesquisa e extensão, entre eles, um importante grupo teatral. Esta pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre o Grupo de Teatro Universitário (GTU/UFPA) e seu percurso teatral na cidade de Belém/PA. Para isso, contextualiza-se a Escola de Teatro e Dança da UFPA, lócus onde o grupo surge e para onde retorna; destaca-se o percurso do Grupo de Teatro Universitário por meio de sua criação a partir do projeto de extensão Novos Encenadores e compreende-se o papel deste grupo no diálogo com o Teatro e a Educação.

O presente artigo foi elaborado como finalização da Pós-Graduação lato sensu em Linguagens e Artes na Formação Docente<sup>[1]</sup> <sup>[A2]</sup> (LAFD/IFPA), na linha de pesquisa de Processos de Criação e Saberes Estéticos e Culturais das Linguagens. O texto foi pensado e desenvolvido durante o curso, como um trabalho vinculado ao grupo de pesquisa GIPACE - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Artes, Cultura e Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Silvia Sueli Santos da Silva.

A motivação deste trabalho foi a inexistência de pesquisas anteriores sobre o tema; a necessidade de compreensão deste grupo em diálogo com o teatro e a educação<sup>[A3]</sup>; a possibilidade de abordagem não apenas aos documentos de origem, como também à professora idealizadora deste projeto e a demais sujeitos que participaram de processos desenvolvidos no grupo, seja na condição de atores ou de encenadores. De acordo com as montagens apresentadas como resultados do grupo e a maioria de seus participantes, existe uma reflexão deste projeto de extensão <sup>[A4]</sup> em teatro como um espaço além do ambiente unicamente acadêmico, uma vez que as montagens realizadas pelo *Grupo de Teatro Universitário da Universidade Federal do Pará* – GTU/UFPA, doravante denominado GTU/UFPA, apresentavam formas mais autônomas de fazer/pensar teatro, incluindo

[1] Curso de Pós-Graduação Lato Sensu ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Este curso está inserido na área do conhecimento de Linguística, Letras e Artes, com as seguintes linhas de pesquisa: Processos de Criação, Saberes Estéticos e Culturais das Linguagens; Linguagens, Educação e Metodologias de Ensino; Linguagem, Cultura e Sociedade na Pan-Amazônia. Este trabalho corresponde ao resultado de conclusão enquanto aluna na turma inaugural do curso.

não-atores; por se tratar de um projeto aberto à comunidade, não demandava experiência cênica prévia.

Outra importante motivação em pesquisar este grupo está no fato de ter sido atriz em algumas das montagens do projeto, realizado na Escola de Teatro e Dança da UFPA, e agora percebê-lo a partir de uma perspectiva de artista-pesquisadora, um lugar indivisível entre criar e pesquisar, corroborado por Carreira (2012) como a produção de novos olhares sobre os objetos artísticos. As definições de encenação, teatro universitário, teatro-educação e processos criativos, respectivamente apresentadas em Koudela (2008), Carreira (2012), Antonello (2017) e Canda (2020) subsidiaram a discussão apresentada neste artigo e o principal documento consultado foi o documento de retomada do Projeto de Extensão Novos Encenadores (Charone, 2018).

A Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA)[1] constitui-se como um importante espaço de formação e ações artístico-pedagógicas desenvolvidas para a cidade de Belém/PA. Santana e Magalhães (2017) afirmam que, a partir da década de 1990, a ETDUFPA passou a atuar com autonomia acadêmica sob a administração do Núcleo de Artes (NUAR) que posteriormente se tornaria o Instituto de Ciências da Arte (ICA). Voltado para o tripé ensino-pesquisa-extensão, este instituto possui como “Missão: gerar, produzir e difundir conhecimento em arte e cultura na Amazônia. Visão: tornar-se centro de excelência regional no campo da arte cultura. Foco: ensino, pesquisa e extensão em arte e cultura” (Instituto de Ciências da Arte, 2019).[2]

Desde sua origem, a escola passou por diversas mudanças e reformulações, atentando-se neste artigo para as mudanças mais recentes. Ao destacar a importância socioeducacional do ensino em artes cênicas, Santos (2019) considera que, de 2003 em diante, a escola busca possibilitar aspectos socioeducacionais na formação e produção do conhecimento artístico, considerando a educação profissionalizante nas áreas do teatro e da

[2] De acordo com o blog da Escola de Teatro e Dança (2012): “Criada em 1962, a Escola de Teatro e Dança (ETDUFPA) surgiu a partir da realização do primeiro curso voltado para as atividades de teatro na Universidade Federal do Pará, cuja finalidade é a de fazer do teatro um veículo de cultura, com vistas ao aprimoramento intelectual da juventude universitária e a educação da população em geral. O curso teve origem em um pedido dos professores Maria Sylvia Nunes e Benedito Nunes ao reitor da universidade. A escola iniciou suas atividades naquele mesmo ano, como Serviço de Teatro Universitário, com um Curso de Iniciação Teatral. Posteriormente, foi criado o Curso Livre de Formação em Ator.” Disponível em <<https://etdufpa.wordpress.com/about/historia/>>

dança. A ETDUFPA tem sido um espaço de formação a nível técnico-profissionalizante e de licenciatura, que ampliou seu próprio alcance e seu público recentemente, com a especialização de nível médio em dramaturgia e o curso superior tecnológico de produção cênica.

## **O PROJETO DE EXTENSÃO NOVOS ENCENADORES E O GRUPO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO - GTU/UFPA**

As ações desenvolvidas pelos projetos de pesquisa e extensão na ETDUFPA correspondem a várias linguagens/públicos na área de artes cênicas. Entre os vários projetos de extensão realizados na Escola, destaco o *Projeto Novos Encenadores*, criado pela Profª Dra. Olinda Charone[3] e que posteriormente deu origem ao retorno do chamado Grupo de Teatro Universitário – GTU/UFPA. De acordo com o documento deste projeto, a escola de teatro percorreu um histórico de elaboração e o grupo, um processo de retomada. O GTU/UFPA retornou às suas atividades no ano de 2008 devido a uma demanda dos alunos da escola de teatro, sendo este, o seu ponto de retomada por meio de uma ação realizada para o curso técnico em Teatro e a licenciatura em Teatro da ETDUFPA. De acordo com o documento do projeto (2018):

A Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará foi fundada na década de 1950, com a implantação do curso livre de Formação de Atores. Após três anos de curso, foi criado o Grupo de Teatro Universitário, ligado a Escola de Teatro da Ufpa, este com o intuito de agregar alunos que iniciavam sua carreira como atores, alunos que estivessem concluindo o curso livre de teatro, atores da cidade de Belém, além de receber a comunidade universitária interessada em participar de um processo de construção de espetáculos teatrais. Este grupo durante anos montou diversos espetáculos adultos e infantis com direção de professores da Escola de Teatro e diretores convidados da Cidade de Belém [...] Durante alguns anos o Grupo de Teatro Universitário ficou com suas atividades paralisadas, voltando em 2008 por iniciativa dos próprios alunos que sentiam necessidade de um espaço no qual pudesse[A1] (sic) trabalhar suas capacidades criadoras para um teatro colaborativo. (CHARONE, 2018, s.p.).

Este projeto de extensão definiu a volta do grupo com estudos teatrais nas suas mais

[3] Atriz, brincante, professora e pesquisadora de Belém/PA, mestra e doutora em Artes Cênicas. Atuou como coordenadora do projeto de extensão Novos Encenadores e do Grupo de Teatro Universitário - GTU/UFPA. Foi professora da Escola de Teatro da UFPA. Participa como atriz e diretora do Grupo de Teatro Cuíra do Pará, como brincante do Pássaro Junino Tem-Tem do Guamá e no projeto Clínicas do Sensível.

diversas linguagens: preparação corporal, improvisação, dramaturgia, música, figurino, cenografia e vídeo, como recurso das chamadas novas mídias. No entanto, o principal eixo deste projeto era “oportunizar, alunos e ex-alunos formados pelos Cursos Técnicos da Escola de Teatro e Dança/ICA/UFPA e alunos do curso de Licenciatura em Teatro, na realização da Direção de espetáculos teatrais montados pelo Grupo de Teatro Universitário – GTU.” (CHARONE, 2018, n.p.). Os alunos desenvolviam uma proposta, que concorria à escolha das duas encenações anuais, uma no período vespertino e a outra, no período noturno. Muitos integrantes do grupo já possuíam experiência cênica, porém vários processos teatrais contaram também com a presença de iniciantes no fazer teatral. Para compor o elenco, o grupo possibilitou a entrada de membros da comunidade externa, os quais não necessitavam de quaisquer experiências prévias com teatro e muitas vezes, realizavam neste espaço as suas primeiras experiências em cena.

No documento de retomada do projeto, Charone (2018) menciona o termo *teatro universitário* – que também nomeia o grupo: “entende-se por teatro universitário não propriamente uma categoria teatral mas, sobretudo, um olhar inovador e menos convencional sobre a cena.” (2018, s.p.). Desta maneira, o projeto dialogava com certa abertura para a execução dos processos, tanto na ideia de um trabalho de grupo, quanto no processo de encenação definido para cada montagem. É possível encontrar pelo menos três definições distintas – porém vinculadas – do que seria o teatro universitário, levantadas por Gernay (2010): 1) em termos gerais, uma ferramenta educativa a nível pessoal e acadêmico, voltada para o desenvolvimento cultural e que desenvolve um processo artístico para um ou mais públicos; 2) o exercício da teoria e da prática teatral dentro de uma instituição voltada para a pesquisa, por meio de uma abordagem multidisciplinar; 3) um lugar de experimentação de liberdade criadora que não é apenas estética, como também social e política.

Com o GTU/UFPA, alunos e ex-alunos dos cursos técnicos em teatro e/ou da licenciatura em teatro assumiram a função de encenadores – como bem mencionou o projeto de extensão – pelo ponto de vista do processo criativo: “nas propostas, os alunos assumem todas as funções para o exercício cênico, como a direção, assistente de direção, cenógrafos, figurinistas, música e vídeo” (Charone, 2018<sup>[A1]</sup>, s.p.). Nesta perspectiva, o encenador se diferencia do chamado diretor de teatro; na tese intitulada *Sobre A Formação Em Encenação Teatral* (2017), a pesquisadora Carla Antonello argumenta:



Sabe-se que o trabalho do encenador é dotado de complexidade, pois lida com diversos campos de conhecimento durante o percurso da montagem. O começo desse percurso se vincula com a temática que será tratada [...] Cabe também ao encenador preparar os ensaios para o desenvolvimento do trabalho dos atores, os quais são responsáveis pela criação das cenas em uma perspectiva do ator como criador. (ANTONELLO, 2017, p. 13).

O diálogo com a autonomia dos alunos-encenadores em um processo como o GTU/UFGA evidenciou não apenas os diversos caminhos que envolvem a prática teatral resultando em determinado espetáculo, como também a postura de se refletir sobre os caminhos do/no processo. Para Antonello (2017), a encenação é um processo ligado não apenas aos componentes da cena e nem mesmo à figura individual do encenador, mas também ao trabalho de um elenco e uma equipe técnico-artística. De acordo com Koudela (2008), o conceito de encenação permeia dois caminhos: um deles é a apresentação como o resultado de um percurso de ensaios e o outro, o caminho que vai da primeira ideia textual à cena propriamente dita. Pode-se dizer que um caminho obedece ao tempo cronológico da montagem, e o outro, às escolhas/estruturas estéticas para que a cena se desenvolva. Além disso, há a reflexão a partir de cada montagem e suas reverberações. Carreira (2012), ao falar sobre teatro de grupo, destaca que é necessário refletir “quais são as tramas nas quais estão organizadas as interrelações das diferentes formas do fazer teatral, e como estas se articulam com os processos de construção de pensamento reflexivo.” (p. 09). Neste ponto, encenação não é apenas o pensar/fazer teatro, como também a ação de refletir sobre cada temática apresentada.

Sendo assim, o projeto Novos Encenadores propunha diversas reflexões, ao mencionar em seu escopo a “perspectiva de um processo de teatro de grupo, o colaborativo aqui é especialmente um modo inter/multi/transdisciplinar.” (Charone, 2018, n.p.). Através deste projeto, o GTU/UFGA encenou e apresentou 18 montagens<sup>[4]</sup> entre os anos de 2008 e

[4] No percurso deste trabalho e no acesso ao documento do projeto de extensão, foi possível identificar as seguintes montagens realizadas pelo GTU/UFGA: *A Travessa da Espera* (2008), *Dons de Quixote* (2009), *Em Nome Do Rio* (2010), *Máquina* (2010), *O Pequeno Grande Avião e o Planeta Do Invisível* (2011), *Encantados S.A* (2011), *Pé na Tábua Até o Céu* (2012), *A Paixão de Dionísio* (2012), *Ao Vosso Ventre* (2012), *Animalismo - A Nova Ordem Mundial* (2013), *A Quase Fantástica Fábrica de Chocolate* (2013), *Raça Vira-Lata* (2013), *Zeca De Uma Cesta Só* (2014), *A Casa Das Madalenas* (2015), *Dúbio* (2016), *Terra Preta* (2016), *O Grande Dia Qualquer* (2017) e *Manifesto Pauta Negra* (2018).



2018. No ano de 2019 - e posteriormente, com a pandemia - o grupo suspendeu suas atividades na Escola de Teatro e Dança da UFPA. Cada uma das montagens demandou um processo específico de encenação definido por cada aluno-encenador e sua respectiva equipe; no entanto, todas as montagens deveriam seguir um cronograma pré-estabelecido de dias/horários e atividades, como forma de registrar o andamento de cada processo, considerando o projeto de extensão, conforme listado por Charone (2018):

O processo de criação acontece nas dependências da Escola de Teatro e Dança da UFPA, com os encontros acontecendo todas as segundas e quartas-feiras, a primeira turma funcionando das 13:00 às 15:00 horas, a segunda turma das 18:00 às 20:00 horas. Dentro deste espaço de tempo, os dois grupos seguem as seguintes etapas:

- a) Exercícios teatrais introdutórios;
- b) Apresentação da proposta de trabalho ao elenco, acompanhada de leitura e discussão em grupo de artigos, capítulos ou livros, sobre a temática do projeto;
- c) Registro do processo em Diário de Bordo por todos os participantes;
- d) Exercícios de experimentação cênica, cenográfica, musical, e dramatúrgica dentro do contexto criado pelas peças lidas pelo grupo;
- e) Apresentação parcial pública, a partir de demonstração prática do trabalho em andamento;
- f) Processo de criação de células dramatúrgicas;
- g) Apresentação das cenas;
- h) Processo de montagem, onde os encenadores unificam as cenas dentro de um único complexo dramatúrgico linear. Preocupando-se, porém, em tentar manter o máximo da originalidade de cada cena;
- i) Finalização da montagem;
- j) Apresentação final sob a forma de espetáculo e um relatório com registro das atividades (CHARONE, 2018, s. p.).

É importante destacar um ponto específico dentro do GTU/UFPA: a criação do chamado GTU-RUA[5], *que* também era aberto à comunidade, além de alunos e ex-alunos da escola de teatro. Assim como o GTU, o GTU-RUA ocorria de forma paralela com as montagens realizadas pelos jovens-encenadores na escola, porém voltado para espetáculos de teatro de rua, encenados/apresentados nas praças e outros espaços abertos de Belém. Logo, este projeto/grupo não atingiu apenas o ambiente da caixa-preta, como também a rua, um importante espaço de alcance teatral. Embora o GTU-RUA fosse um caminho possível dentro do GTU/UFPA, ambos seguiam as mesmas indicações do projeto Novos Encenadores, desde a reunião prévia com a coordenação do projeto até a apresentação final.

[5] Subdivisão criada pelo professor Paulo de Tarso Nunes, que assumiu posteriormente a coordenação do GTU/UFPA na Escola de Teatro e Dança da UFPA. No levantamento de montagens realizadas pelo grupo, também existiram propostas realizadas por novos encenadores com foco exclusivamente no teatro de rua.





## TEATRO, EDUCAÇÃO E PROCESSOS CRIATIVOS: REFLEXÕES SOBRE O GRUPO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO - GTU/UFPA

De acordo com os pressupostos acima, é possível perceber no GTU/UFPA a ideia do teatro-educação, uma vez que há a partilha de teorias/práticas de cunho pedagógico para um resultado de caráter artístico, que é a realização de um espetáculo. Neste ponto, Canda (2020) traz o teatro e a educação como instâncias de um diálogo constante, justificando que as mais diversas formas da encenação podem comportar estas múltiplas possibilidades:

Nessa medida, importante frisar que, mesmo sendo diverso, múltiplo e intraduzível, o teatro conserva uma série de elementos que o caracterizam como tal, diferenciando-o das demais linguagens artísticas [...] não existe, portanto, um modo específico, único, correto do fazer teatral, mas várias possibilidades se apresentam e são recriadas constantemente e dependem de uma série de aspectos para a sua produção, que vão desde o projeto estético da direção, da dramaturgia e do elenco à sua produção. Isto é, se tem dinheiro, se não tem, se tem pauta de teatro ou se apresenta na rua, se são crianças ou adolescentes em formação ou se são atores/atrizes profissionais, por exemplo. Por isso, pensar em teatro requer um olhar ampliado para a sociedade, tanto do ponto de vista simbólico, quanto material. (CANDA, 2020, pp. 10-11).

A partir desta visão, Canda (2020) apresenta o teatro como uma atividade que envolve complexidade, por suas diversas propostas estéticas, seus processos e as mais diversas interações. No lugar da encenação, e conseqüentemente, de um processo teatral realizado em espaços formais ou não-formais de ensino, é importante que cada encenador utilize recursos que dialoguem entre o processo cênico (teatro) e o processo de caráter pedagógico (a educação); no entanto, ambos os processos não estão distantes nem são opostos. Canda (2010) afirma, refletindo sobre o teatro e a educação, que existe um forte potencial pedagógico na atividade artística, e mais especificamente na experiência teatral, uma vez que esta atividade, além de estimular a criação, explora potenciais sensíveis, críticos e reflexivos em seus participantes.

No percurso do GTU/UFPA, foram produzidas/encenadas diversas montagens teatrais, tanto na caixa preta como na rua. No entanto, mesmo com a diversidade de temáticas e encenações, havia pontos em comum, detalhados na primeira meta do Projeto de Extensão Novos Encenadores, de acordo com o que cita Charone (2018, n.p.[A1]): “a realização de encontros entre os alunos selecionados com a direção do projeto, a equipe técnica e os outros professores colaboradores, direcionando a metodologia empregada no decorrer do processo de encenação.”

As propostas inseridas no contexto do GTU/UFGA envolviam desde a apresentação de uma temática, a criação de cenas, os laboratórios de criação - também chamados de ensaios por meio dos jogos teatrais - até a finalização da montagem e a apresentação pública. Deste modo, ainda que os novos encenadores empregassem suas próprias metodologias de criação/condução do processo cênico, havia o diálogo com os professores coordenadores do projeto, para supervisionar os andamentos das montagens. Isto evidencia a prática do GTU/UFGA como um dos diálogos possíveis entre o teatro, a educação e os processos criativos. De acordo com o depoimento de Charone (2023) sobre este processo criativo:

Eu fui dançarina do espetáculo, fui atriz, depois eu voltei pro grupo já como diretora. Eu já era professora da escola de teatro, eu não era mais aluna, eu voltei já como professora, pra dirigir um espetáculo. Então foi lá, junto com meus alunos, nessa troca de experiências é que eu fui aprendendo a dirigir, que fui aprendendo a fazer uma encenação, fui aprendendo a saber lidar com tanta gente ao mesmo tempo e depois continuei com o GTU vendo outros se formarem, assim como eu, também. Eu fui vendo alguns alunos que vinham, com o projeto novos encenadores e fui observando a formação de cada um ali naquele espaço. (CHARONE, 2023, n.p.).

De acordo com as percepções supracitadas, há uma relação próxima da participante, entre ter participado do grupo como atriz e, posteriormente, ter retornado ao grupo como professora e coordenadora, apontando a importância de estar em várias funções neste movimento de retomada do grupo, agora como um projeto de extensão e em um ambiente pedagógico. Ao refletir sobre o papel do professor na área teatral, Santos (2008) afirma que se trata de um

profissional em construção de domínios fundamentais à expressão e compreensão de visões de mundo através da materialidade de uma determinada forma artística – o teatro –, e em desenvolvimento da sua capacidade de transpor essa materialidade às necessidades de aprendizagem dos seus alunos, significando novas possibilidades de reflexão sobre o mundo. (SANTOS, 2008, p. 65).

Assim, a relação entre o teatro e a educação contempla, desde sua concepção/execução, um grupo teatral que existe dentro de uma universidade], até as produções artísticas que ultrapassam os espaços institucionais, contemplando diversos públicos. Para compreender a temática levantada neste trabalho sobre o GTU/UFGA, houve a necessidade de registrar depoimentos de pessoas que participaram deste grupo.



## O GTU/UFPA e sua importância nas percepções de participantes

Como abordagem metodológica de pesquisa e para sustentar as diversas reflexões sobre o GTU/UFPA, foi realizado um estudo de caso de caráter qualitativo e natureza descritiva, baseado em relatos de experiência, tendo a memória e a consulta documental como instrumentos de coleta de dados, por meio da realização de entrevistas sobre o tema com quatro sujeitos. As quatro entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2023; duas delas ocorreram nas dependências da escola de teatro e dança da UFPA e as outras duas, nas residências dos participantes. Por envolver as percepções dos participantes do grupo sobre um processo criativo, a pesquisa se coloca também como espaço importante para esta artista-pesquisadora; uma busca necessária e vital pelo desejo de questionar e aprender: “a realização da pesquisa para o artista é antes colocar a si mesmo em investigação, visitar subjetividades estranhas, deixando-se atravessar pelo processo em curso.” (DESGRANGES, 2018, p. 25).

A escolha dos quatro sujeitos de pesquisa se deu por conta da história/proximidade que cada uma destas pessoas possui com o GTU/UFPA e da participação em processos no grupo. Cada uma destas pessoas foi abordada por meio de um convite preliminar; em que foi explicitado o tema, os recortes e objetivos deste trabalho. Silva e Reis (2018) define o espaço deste momento em uma pesquisa: “o momento do primeiro contato é quando o laço de maior intimidade com aquele que confessa suas memórias – ora aquecidas pelo entusiasmo, ora esfriadas pelo tormento que assola as experiências – é estabelecido.” (Silva; Reis 2018, p. 19), evidenciando a importância desta proximidade.

Além disso, foram elaboradas quatro categorias de pesquisa para compreender diferentes percepções sobre o mesmo assunto com os seguintes participantes: um participante externo do grupo, Silvio Leonardo Noronha[1]; uma jovem encenadora de uma das montagens realizadas, Ingrid Gomes[2]<sup>[A1]</sup>; uma estudante da escola de teatro na época do grupo, Sidiane Nunes[3] e a professora idealizadora do grupo, Olinda Charone. Para a realização de cada entrevista, foi elaborado e assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentando a pesquisa e possibilitando a coleta de dados. Nas entrevistas, foram levantadas três perguntas-eixos: 1) Quando/como você conheceu o GTU/UFPA? 2) Em qual processo do GTU/UFPA você participou e como foi fazer parte deste processo? 3) O que você considera mais importante em sua experiência no GTU/UFPA e como você percebe este grupo? A análise se deu de forma qualitativa e nesta pesquisa, o foco de análise se concentrou na terceira questão, uma vez que ela abarca a ideia geral do trabalho: a importância do GTU/UFPA e as percepções de cada participante.

Enquanto alguém da comunidade externa que teve acesso ao GTU/UFPA em 2016, o participante Silvio Leonardo Noronha citou como suas principais experiências: a importância do teatro em espaços não-formais; a transformação que o teatro causa, enquanto movimento/postura política, engrenagem de pensamento e reorganização do próprio corpo; a relação entre teatro e educação por meio dos gestos e do diálogo textual em seu trabalho como educador e a mudança de vida, por meio do encontro com a linguagem teatral, onde existe um antes e depois disso:

[6] Graduado em Letras (IFPA), professor de Português, Literatura e Redação, estudante da Especialização em Linguagens e Artes na Formação Docente - LAFD/IFPA. Participante do GTU/UFPA no ano de 2016.

[7] Atriz paraense, educadora social, performer, encenadora, pesquisadora, dramaturga e produtora cultural. Licenciada em Teatro (UFPA). Mestranda em Artes e pesquisadora de poéticas antirracistas. Encenadora do Manifesto Pauta Negra - GTU/UFPA (2018).

[8] Atriz paraense, licenciada em Teatro (UFPA), formada no curso técnico em Teatro (ETDUFPA), pesquisadora em arte, escritora, costureira, cantora, compositora e mãe. Participante do GTU/UFPA no ano de 2018.

SILVIO - Assim como o GTU e a Igreja São Vicente de Paula, eu vejo essas oportunidades de fazer teatro para jovens como uma experiência de mudar vidas. Tanto o GTU quanto o São Vicente de Paula, são experiências significativas para a comunidade, e não só para quem participa, mas para quem assiste. Porque assim, a gente trabalhava muito isso lá na Igreja São Vicente de Paula e tem muitos jovens, muitas crianças que nunca sequer pisaram no teatro. Não sabem como é. O teatro tem capacidade de transformar aquelas pessoas que estão atuando como aquelas que estão assistindo. Então, a importância do GTU eu vejo como um meio de acesso de jovens, de pessoas da comunidade terem esse contato pois, apesar da escola de teatro estar localizada num bairro central da cidade e isso acaba dificultando as pessoas da periferia, penso no GTU não só como um lugar fixo lá, mas como um lugar que deve acessar essas periferias, um lugar que deve acessar esses lugares para que a gente consiga acessar cabeças e pessoas. Então, o GTU e a igreja São Vicente de Paula são espaços de cultura, de transpasse, que a gente consegue acessar jovens, que a gente consegue mudar cabeças e eu acho que deve manter, deve continuar, deve se expandir, pra que a gente consiga tornar um grupo ou fazer uma sociedade que entenda o teatro não somente como entretenimento, mas também com consciência, como um meio de arte, de expressão, de reivindicação política e de criação.[9] (2023).

Para Ingrid Gomes, a encenadora do GTU/UFGA no ano de 2018, suas principais experiências foram: o mergulho no processo criativo por meio da encenação; a inquietação diante do mundo que pode ser traduzida pela linguagem teatral; o teatro enquanto corpo político de uma mulher encenadora preta, trazendo este recorte em sua proposta pelo projeto Novos Encenadores/GTU/UFGA com o Manifesto Pauta Negra e a importância deste grupo em diálogo com criadores dentro da escola de teatro e dança da UFGA nas áreas de cenografia, figurino e iluminação, ou seja, tudo o que move um processo criativo além da cena. A artista cita ainda Zélia Amador de Deus, professora emérita da Universidade Federal do Pará, militante do movimento negro, atriz e uma importante figura nas artes; o depoimento de Ingrid vai ao encontro [A1] da perspectiva de encenação para atrizes negras no GTU/UFGA:

[9] Entrevista concedida por NORONHA, Silvio Leonardo (13/04/2023) por meio de áudio, 2023, arquivo mp3 (17min38).

INGRID GOMES - O GTU é, pra mim, uma noção de mergulho mesmo, de entender muitas dinâmicas do teatro como experiência. Eu falo dessa forma porque é assim: colocar a tua ideia para jogo, colocar a tua vontade, o que tu queres dizer para jogo e procurar a melhor forma de fazer isso. É óbvio que eu falei dessa perspectiva porque eu estava com essa... Com essa cuíra e inquietação, mas vários jovens aqui na escola tem e esse projeto é de suma importância para essa escola de teatro, justamente pelo sentido de que dá uma visão de experiência. Quando tu entras no GTU, dependendo obviamente da tua visão do que é teatro, do que o teatro que tu queres se direcionar nesse fazer teatral, porque nós somos todos corpos políticos e então a gente tem uma performance do corporal que a Zélia Amador fala, principalmente as pessoas negras, tem esse corpo político que quando adentra o espaço, já carrega vários significados de mundo, ele já tem uma interpretação de outros olhares, enfim. Então o GTU tem essa importância no sentido de colocar as pessoas pra jogo, os artistas que estão passando por esse processo de aprendizagem do teatro, né? Que eles possam perceber como é que se dá a dinâmica dos processos e criar a possibilidade de ter uma autonomia e um protagonismo, sabe? De saber e aprender fazendo também. Eu vejo que infelizmente a gente às vezes tem um pouco de receio de começar as coisas, mas eu acho que a gente meio que tá quebrando um pouco essa regra quando a gente se espelha em outras pessoas que já fizeram do nada, não do nada, que a gente carrega alguma experiência, mas que fizeram, que tiveram essa coragem, porque medo a gente sempre tem, então é esmiuçar essa coragem pra se fazer o trabalho né, no GTU, que inclusive tá parado. Então eu percebo essa experiência como única e que foi de suma importância pra que eu me entendesse enquanto uma produtora e encenadora, e acaba meio que articulando esse papel da produção também. Então a gente aprende na prática mesmo o que é ser uma produção, uma produtora, o que é ser uma encenadora no meu caso, e dentre isso também experienciar essa parte do fazer artístico. É interessante que alguns olhares de projetos de propostas mesmo já migram para essa intenção de trabalhar com pessoas que também são estudantes daqui, pra aprender a fazer, mesmo porque muitos de nós trabalhamos separados, mas não tem essa dinâmica coletiva do processo criativo.[10] (2023).

Segundo a atriz Sidiane Nunes, que foi estudante da escola de teatro e participante do GTU/UFPA em 2018, suas principais experiências foram: um mundo de possibilidades afetivas, pelo diálogo com outras mulheres atrizes<sup>[A1]</sup>, principalmente <sup>[A2]</sup> pela sua experiência <sup>[A3]</sup> enquanto artista que é mãe - e a ação de levar o filho para a cena; as questões do que é e de como se trabalha teatro em grupo, apontando suas facilidades e dificuldades; o alcance que uma montagem realizada no GTU/UFPA possui, para além dos muros da escola de teatro e dança, com o reconhecimento do próprio trabalho e o valor/importância da experiência nesse grupo/processo, que nunca mais te torna a mesma pessoa - no corpo, na mente, no coração:

[10] Entrevista concedida por GOMES, Ingrid (10/05/2023) por meio de áudio, 2023, arquivo mp3 (16min03).

SIDIANE - O processo Pauta Negra, que existe dentro do projeto GTU, abriu para mim um mundo de informações, possibilidades, acessos também, porque eu não vou só focar naquilo que me foi negativo, é... Eu tive essa oportunidade de trazer meu filho pra cena, de estar em cena, porque se eu não trouxesse o meu filho na época, eu não estaria em cena, eu não estaria nos palcos. E hoje a história que eu falo pras pessoas, independente da área que elas estejam, principalmente mulheres que tem criança é não desistir de fato, de si, porque quando tu não desiste de ti, tu não desiste de mais nada ao redor, sabe? Eu canso, mas enquanto eu não chegar no meu objetivo que é proporcionar para mim e para minha família e filho, que é uma condição melhor no mundo, eu não vou, não vou parar, sabe? Eu vou continuar, eu vou atrás do que é necessário, cabível e é uma garra que muitas apresentavam no Pauta Negra. E eu lembro né, que assim como todo processo tem seu lado positivo, tem seu lado negativo, existiam as conversas diárias assim que a gente tinha sobre a vida da gente, porque o espetáculo ele tocava nos nossos processos particulares; uma dramaturgia que se juntou de uma forma potente e precisa, a gente precisava saber quem era quem, qual era a história que carregava, o que é que apresentava e isso foi o Pauta Negra, através do que a gente colocava, com a Ingrid como diretora. Eu sempre falo que eu como atriz, eu tenho que reconhecer que cada âmbito do teatro, cada âmbito de um espetáculo, existe alguém responsável. Mesmo com muitas coisas, a Ingrid ela meteu a cara, então a ideia foi dela. A dramaturgia foi coletiva, mas a ideia foi dela, quem chamou todo mundo para cena foi a Ingrid, quem deu a abertura e o destaque foi ela, através do GTU. O processo como um todo o processo como todo ele traz esse peso de importância muito grande. Eu era uma estudante pequenininha e me tornei uma estudante grandona e reconheci muitas coisas, dentro do GTU. Então, não tem como tu ir participar no GTU e sair de lá zerado. Tu sai de lá carregada de informações, carregada de aprendizado, na mente, no corpo, no coração e nas experiências, eu ainda não vivi coisas tão grandiosas como eu vivi no GTU.[11] (2023).

A última entrevistada foi a Prof<sup>a</sup> Dra. Olinda Charone, coordenadora do projeto, que citou como suas principais experiências no GTU/UFPA enquanto professora idealizadora desse projeto/grupo: uma formação integral enquanto artista - pesquisadora, diretora, encenadora, atriz - por ter sido neste grupo o seu primeiro espetáculo e posteriormente, seu retorno ao projeto enquanto professora/coordenadora; a troca de experiências do que é uma encenação, do que é aprender a fazer isso e de como aprender fazendo; a paixão pelo GTU/UFPA, enquanto processo criativo e no quanto o teatro traz isso pra vida, não somente de quem estuda, mas de quem faz, vive e sente e o trabalho coletivo de criação com o outro, com a escuta do outro e com a possibilidade do humano:

[11] Entrevista concedida por NUNES, Sidiane (10/05/2023) por meio de áudio, 2023, arquivo mp3 (23min01).



OLINDA CHARONE - O GTU representa toda a minha formação enquanto artista. Foi no GTU que eu posso te dizer que eu fui formada como diretora, encenadora, pesquisadora, atriz, porque foi ali que eu fiz meu primeiro espetáculo. Acho que deve ser por isso que eu tenho tanta paixão pelo grupo. Depois eu voltei pro grupo já como diretora. Eu já era professora da escola de teatro, já não era mais aluna. Voltei já como professora, pra dirigir um espetáculo. Então foi lá, junto com meus alunos, essa troca de experiências é que eu fui aprendendo a dirigir, a fazer uma encenação, a saber lidar com tanta gente ao mesmo tempo. Depois continuei com o GTU e fui vendo outros se formarem, assim como eu, também. Fui vendo alguns alunos que chegavam, com o projeto Novos Encenadores, e fui observando a formação de cada um ali naquele espaço, que parecia ser uma pontinha, mas que tinha uma formação enorme pra todos nós, tanto para eles que estavam fazendo, quanto para mim que estava na frente. A troca foi muito rica, nós criamos juntos. Porque foi uma criação coletiva, cada um trouxe um pouquinho de si ali. Então, o GTU foi uma grande paixão. Eu eu sou apaixonada pelo teatro, eu acho o teatro me trouxe uma vida maior pra mim, eu acho que sem o teatro hoje eu não seria nada, né? Eu seria... sei lá o quê. O teatro me trouxe tudo isso na minha vida e trabalhar com gente também, sabe? Trabalhar com o outro do meu lado, criando. Eu sou apaixonada pelo GTU, eu acho que eu vou morrer sendo apaixonada. E assim, quando tem um espetáculo, eu vou sempre estar presente no grupo de teatro universitário. É nele que a gente faz, apanha, faz de novo, refaz e continua fazendo.[12]

Todos os participantes apontaram, cada um a seu modo, a importância do GTU/UFGA em suas trajetórias artísticas e de vida, destacaram elementos necessários ao que é participar de um processo de teatro em grupo, apontaram aspectos além de suas próprias participações, com destaque para o teatro enquanto modo de compreensão coletiva, escuta, espaço de aprendizado e troca de relações. Noronha (2023) destacou a importância de um processo como o GTU em sua atuação em sala de aula, ressaltando que o teatro desenvolve habilidades que estão muito além da área artística, como as relações interpessoais e a facilitação nos processos comunicativos, possibilitando outra visão de mundo. Gomes (2023),

[12] Entrevista concedida por CHARONE, Olinda. (20/05/2023) por meio de áudio e vídeo, 2023, arquivo mp4 (35min83).

ao citar a professora Dra. Zélia Amador de Deus[13] em seu relato, evidencia a importância dos processos criativos que dialogam de forma política com os recortes raciais e outras diversidades; apresentando no teatro uma premissa importante para os processos desenvolvidos no GTU. Nunes (2023) relata que sua participação no GTU abriu espaços e possibilidades para além da escola de teatro e dança, onde sua compreensão do processo também vem de um lugar de uma estudante de teatro que é mãe e que levou seu filho para a cena. Por sua vez, Charone (2023) traz, por meio da memória, uma perspectiva histórica da importância do GTU/UFPA para a sua atuação artística e pedagógica, seja como atriz, encenadora, professora e pesquisadora da área teatral. Todos os entrevistados foram pessoas atravessadas por este grupo/processo de formas diferentes, porém compreendendo a força dele enquanto espaço de criação, produção e reflexão de um fazer/pensar teatro na cidade de Belém/PA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa sobre o GTU/UFPA era uma vontade antiga, não apenas a nível de temática, mas reflete um desejo pessoal de adentrar este espaço enquanto artista-pesquisadora da cena teatral em Belém/PA; a linha de pesquisa sobre processos de criação, saberes estéticos e culturais das linguagens na Pós-Graduação em Linguagens e Artes na Formação Docente - LAFD/IFPA foi a oportunidade de aprofundar os estudos sobre este grupo e um maior acesso às pessoas que participaram dele. Este grupo configurou-se como um espaço importante para a proposição de novos diálogos criativos no contexto teatral local, por abarcar formas diversas de se fazer/propor encenação; foi a possibilidade de criação e diálogo para vários jovens encenadores com seus processos e grupos, além de ser um espaço que ultrapassou os muros da escola de teatro e dança da UFPA, uma vez que possibilitou a participação de pessoas [A1] externas à escola e pessoas iniciantes no fazer teatral.

[13] Zélia Amador de Deus, paraense da cidade de Soure/PA, docente emérita da Universidade Federal do Pará. Atua como ativista nas questões raciais dentro e fora da universidade e teve destaque na luta pelas políticas afirmativas na UFPA. Foi coordenadora do Instituto de Ciências da Arte e atuou como professora da disciplina História do Teatro. Atriz e uma das fundadoras do grupo Cena Aberta (1976-1991), importante grupo teatral paraense.

Em seu retorno por meio de um projeto de extensão, de um modo geral, o GTU/UFGA foi um importante espaço de criação/produção na área teatral na cidade e seu alcance artístico e pedagógico se deu com a criação posterior de grupos de teatro na cidade, advindos de montagens realizadas no grupo. Assim, este trabalho conclui-se afirmando que o GTU/UFGA, em seu período de atuação, se relacionou de forma direta com a educação e os processos criativos, uma vez que retornou dentro da universidade como projeto de extensão, propôs outras formas de encenação com diversos processos cênicos, estimulou a criação a nível coletivo e possibilitou a realização de vários espetáculos. Desta maneira, compreende-se a importância [A1] deste grupo na trajetória teatral de seus participantes e em como as montagens/grupos tiveram sua importância enquanto fazer criativo na cidade de Belém/PA, não apenas como um espaço de produção e encenação, mas como um diálogo da Escola de Teatro e Dança da UFGA muito além de seu espaço institucional. Como uma atriz paraense formada pela Escola de Teatro e Dança da UFGA, participante do GTU/UFGA - nos espetáculos *Animalismo - A Nova Ordem Mundial* (2013), dirigido por Marcelo Andrade e *Ao Vosso Ventre* (2014), dirigido por Kauan Amora - e atualmente doutoranda em artes/teatro, concluo este trabalho desejando que as reflexões aqui apresentadas possam instigar leitores e pesquisadores na área teatral sobre o valor deste tema.

## REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Carla Medianeira. **Sobre a Formação em Encenação Teatral**: Análise de uma experiência pedagógica em sala de aula e de seus respectivos itinerários de processos criativos. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) - Universidade Federal Da Bahia, Escola de Teatro e Dança, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/21627>> Acesso em 23 mai. 2023.

BLOG DA ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA. História. 2012. Disponível em: <<https://etdufpa.wordpress.com/about/historia/>> Acesso em: 02 dez. 2022.

CANDA, Cilene Nascimento. **Ensino de teatro: fundamentos e didática**. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2020. 997 p.

CANDA, Cilene Nascimento. Sentidos da arte: diálogos entre o teatro, a experiência estética e a educação. **Revista Científica FAP**, Curitiba, vol. 5, p. 243-261, jan/jun. 2010.

CARREIRA, André. Pesquisa Como Construção do Teatro: IN: TELLES, Narciso (org.) **Pesquisa em artes cênicas**: textos e temas. Rio de Janeiro: E-papers, 2012, 138 p.

CARREIRA, André. Fazer teatro e pensar o teatro. **Conceição/Conception**, v. 1, n. 1, p. 2-13, 2012.

CHARONE, Olinda. **Projeto Novos Encenadores**; GTU - Grupo de Teatro Universitário. Programa/Projeto de Extensão. Escola de Teatro e Dança da UFPA, Instituto de Ciências da Arte. Ano: 2018.

CHARONE, Olinda. O que você considera mais importante em sua experiência no GTU/UFPA e como você percebe este grupo? [Entrevista cedida a] Roseany Karimme Silva Fonseca. Belém, mai. 2023.

DESGRANGES, Flávio. Processos de criação teatral e processos de aprendizagem: interfaces possíveis. IN: CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de (orgs.) **Pedagogia do teatro**: prática, teoria e trajetórias de formação docente. Natal, RN: EDUFRN, 2018, 156 p.

GERMAY, Robert. Do Teatro Universitário à Associação Internacional Do Teatro Na Universidade - Considerações, Ou O Teatro Universitário Tem Couro Duro. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/4798>> Acesso em: 20 dez. 2022.

GOMES, Ingrid. O que você considera mais importante em sua experiência no GTU/UFPA e como você percebe este grupo? [Entrevista cedida a] Roseany Karimme Silva Fonseca. Belém, mai. 2023.



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE, Universidade Federal do Pará. Missão. 2019. Disponível em: <<https://www.ica.ufpa.br/index.php/pt/missao><sup>[A1] [A2] [A3]</sup>>. Acesso em: 02 dez. 2022.

KOUDELA, Ingrid Dormien. A encenação contemporânea como prática pedagógica. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 10, p. 045-054, 2008. Disponível em:

<<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/download/1414573101102008045/8860><sup>></sup> Acesso em: 22 mar. 2023.

NORONHA, Silvio Leonardo. O que você considera mais importante em sua experiência no GTU/UFPA e como você percebe este grupo? [Entrevista cedida a] Roseany Karimme Silva Fonseca. Belém, abr. 2023.

NUNES, Sidiane. O que você considera mais importante em sua experiência no GTU/UFPA e como você percebe este grupo? [Entrevista cedida a] Roseany Karimme Silva Fonseca. Belém, mai. 2023.

SANTANA, Paulo; MAGALHÃES, Benedita Alcidema CS. Teatro e escola: a formação de professores em teatro na amazônia paraense. **interFACES**, v. 27, n. 2, p. 61-74, 2017.

SANTOS, Ana Maria da Gama. **Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará: memória e história do ensino do teatro em Belém do Pará (1962-1970)**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12105>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Formação docente em Teatro: pesquisa aliada à ação pedagógica. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 10, p. 061-068, 2008. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008061>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, Silvia Sueli Santos; REIS, Wellingson Valente dos (org.). **Às margens do rio imaginário e fantástico nos assentamos... e contamos**. Belém: IFPA, 2018. Disponível em: <<https://proppg.ifpa.edu.br/documentos-e-formularios/editora-ifpa/476-as-margens-do-rio-imaginario-e-fantastico-nos-assentamos-e-contamos/file>> Acesso em: 20 mai. 2023.





@revistaeai

revistaeducacao  
arteinclusao@  
gmail.com

(48) 3321-8314

revista  
**eai** educação,  
artes &  
inclusão